

O CORPO: UMA VISÃO DA ANTROPOLOGIA E DA FENOMENOLOGIA

Karen Andréa Comparin¹
Jacó Fernando Schneider²

Resumo

Tendo em vista o número reduzido de trabalhos que abordam as vivências das pessoas com relação às manifestações corpóreas, consideramos o presente estudo importante para todos os profissionais que se inter-relacionam com “corpos” em seus universos de trabalho, possibilitando assim uma melhor compreensão sobre os mesmos. Nesse sentido, a proposta deste estudo é fazer um resgate histórico a respeito das concepções sobre o corpo, abordando posteriormente a visão da antropologia e da fenomenologia sobre o assunto. Para a antropologia, diferente das ciências da saúde, o corpo é visto não somente como biológico e psicológico, mas também como um corpo social e cultural. Para a fenomenologia, especialmente retratada pelo pensamento de Maurice Merleau-Ponty, o chamado corpo próprio é o corpo visto como uma unidade, tendo como produto final, o corpo total. Embora o significado de corpo seja diferente para os dois casos, é de consenso que o mesmo deva ser abordado como um corpo total, corpo social, corpo próprio.

Palavras-Chave: corpo, antropologia, fenomenologia.

Introdução

Na busca de um maior entendimento sobre o corpo, buscamos como respaldo teórico as bases da antropologia e da fenomenologia.

Optamos trabalhar com esses referenciais, pois abordam o corpo de uma maneira mais ampla, corpo dotado de expressão e percepção, noções essas que se aproximaram do que procurávamos como compreensão de um corpo não somente físico e psicológico, estudado pela área da saúde, mas como um corpo total presente no mundo, corporeidade.

No entanto, antes de iniciar o estudo propriamente dito, nos pareceu necessário abordar alguns aspectos, que nos deram bases para um entendimento maior do corpo como corporeidade. Para isso nos reportamos à antiguidade, com o intuito de compreender um pouco das várias concepções sobre o corpo daquela época, culminando até às concepções mais contemporâneas.

Nesse sentido, a proposta deste estudo é, além de fazer um resgate histórico a respeito das concepções sobre o corpo, abordar a visão da antropologia e da fenomenologia sobre o assunto, como forma de compreender melhor as manifestações corpóreas.

Evolução Histórica das Concepções sobre o Corpo

O homem em toda sua existência sempre teve dificuldade na visualização e percepção do seu corpo, embora inicialmente ele próprio não indagasse sobre essas dificuldades, elas estavam presentes e implícitas em outras reflexões. Assim, várias dúvidas surgiam. O corpo é puramente físico? Ou é composto de uma parte espiritual (alma, mente, consciência)? De uma maneira geral sempre se acreditou que o corpo é composto dessas duas partes, no entanto, atualmente afirma-se que elas se completam e que uma parte não pode existir sem a outra.

Segundo Aranha e Martins (1993)³, desde séculos antes de Cristo o dualismo psico-físico existe. Platão falava da dicotomia corpo-consciência no século V a.C. Para ele, a existência da alma precede a existência do corpo. A alma antes de encarnar já está pronta, dotada de um conhecimento intelectual que não necessita dos órgãos do sentido para existir. A encarnação por sua vez acontece segundo Platão por necessidade natural ou por expiação de culpa. Ao se unir, corpo e alma, esta é deteriorada, tornando-se prisioneira do corpo. Tudo ao que se refere ao corpo, nessa época é negativo, o corpo é irracional, impulsivo, voltado ao material, a atividade ou apetite sexual; é ele o responsável pela decadência moral, por conta das paixões e dos desejos, que levam o homem a comportamentos inadequados. A grande meta então seria a dominação do corpo pela alma.

As autoras evoluem na história entrando nas concepções do corpo na Idade Média. Este período é marcado por grandes crises, um verdadeiro processo de transição da história. As concepções do corpo baseiam-se ainda em parte ao pensamento de Platão, no entanto, adaptando-o ao cristianismo. O corpo é considerado inferior, no entanto, não deixava de ser objeto de criação divina, por isso a sacralidade do corpo, tornando-o inacessível, intocável. O corpo é sinal de pecado e degradação, portanto muitas das pragas que aconteciam na época eram atribuídas à falta de purificação da carne. Por conta disso, esse período é marcado pelas torturas a que os homens submetiam seus corpos, como forma de purificação.

É somente a partir do Renascimento e Idade Moderna, que o corpo começa a ser visto de outra forma, não mais como inferior e intocável, mas como físico e biológico, passível de estudo e pesquisa, permitindo assim o surgimento da ciência que estuda o corpo. É nesse momento, que a dicotomia novamente aparece, mas agora, no entanto, numa abordagem diferente da de Platão, corpo-alma, e sim com a dicotomia corpo-objeto. É nesta época que surgem outras dúvidas e a dificuldade de associar o corpo ao espírito, de um lado o corpo físico, objeto da ciência, mas que persiste submetido às leis da natureza, portanto sem o livre arbítrio da escolha de

seu destino. De outro, o corpo espiritual. Duas partes, segundo a visão da época, que não interagem, por conta do pensamento presente que não permitia àqueles homens visualizar essa interação. Essa visão dualista do corpo, composta de partes que não se inter-relacionam é um dos empecilhos do século XIX ao desenvolvimento das ciências humanas.

No século XX, começam a surgir correntes que não consideram a dicotomia do corpo, e sim consideram este como único, um todo composto de partes distintas. No entanto, no século XVII, Spinoza, um judeu holandês já pregava a igualdade do corpo físico com o corpo espiritual, sem distinções hierárquicas entre as partes, formando assim o corpo total.

A corrente da fenomenologia trabalha nesse sentido, com uma concepção diferente em relação às dicotomias, afirmando que a consciência não é pura, separada do mundo. Em relação ao corpo, essa corrente metodológica através da noção de intencionalidade, procura superar a dicotomia corpo-alma, afirmando e descobrindo que há nesses pólos uma reciprocidade.

Enfoques Antropológicos sobre o Corpo

O corpo é, e sempre foi objeto de muitas pesquisas nos mais variados campos de atuação, nas ciências da saúde, humanas, exatas e sociais. Para quem atua na área da saúde, talvez pela própria formação acadêmica, é mais fácil visualizar o corpo como objeto biológico, químico e psicológico, mas é difícil visualizá-lo como um objeto social e as relações que nele interferem.

Levando em consideração essa dificuldade é interessante retomar alguns aspectos relacionados ao corpo, na visão da antropologia. Assim, segundo Maluf (2002, p. 88-89):

Um sentido em comum às várias abordagens antropológicas sobre o corpo – por diferentes e às vezes antagônicas que possam ser – é o de pensar o corpo como uma construção social e cultural, e não somente como um dado natural. A antropologia busca desnaturalizar o que é visto como dado pela natureza – seja isso uma regra de comportamento e de classificação social (a proibição do incesto por exemplo), seja a própria noção de corpo – e mostrar as dimensões sociais e simbólicas desses fenômenos. Esse ponto de partida é importante na medida em que muitas vezes o “corpo” é tomado, mesmo por estudiosos e pesquisadores no campo das ciências humanas, como o reduto da natureza em um ser humano genérico, obedecendo a instintos e necessidades biológicas, e não como produto e produtor de regras e valores culturais. A literatura antropológica tem

mostrado como esse é apenas um dos “paradigmas fundamentais” das representações sobre o corpo, mas não é único.

Ainda, para alguns antropólogos o que poderia definir a antropologia, seria o aprendizado da simbologia, espaço, corpo, ser falante, ser ouvinte (Bruhns, 1989).

A Antropologia Francesa teve sua grande contribuição no que diz respeito ao estudo do corpo. Entre seus representantes aparecem as figuras de Émile Durkheim e Marcel Mauss. Segundo Bruhns (1989, p. 52) “O texto de Marcel Mauss é o pioneiro nesse enfoque do corpo enquanto objeto da Antropologia. [...] Ligado a Durkheim, mas constituindo em relação a este uma ruptura, inclusive porque sua sociologia se estende às sociedades que não as européias”.

Marcel Mauss (1974), em seu estudo sobre as técnicas corporais, retrata os mais diferentes aspectos do corpo nas diferentes sociedades. Para ele o homem deve ser visualizado e estudado pela biologia, pela psicologia e pela sociologia, só assim, será possível ter uma noção mais exata do “homem total”, sob as mais diversas influências.

Em relação a esse aspecto, Laplantine (1994, p. 90) comenta que, “Um dos conceitos maiores forjados por Marcel Maus é o do *fenômeno social total*, consistindo na integração dos diferentes aspectos (biológico, econômico, jurídico, histórico, religioso, estético...) constitutivos de uma dada realidade social que convém aprender em sua integralidade”.

Segundo Maluf (2002, p. 90):

Mauss, em seu texto sobre as técnicas corporais, inaugura um verdadeiro programa para a reflexão antropológica em torno do corpo [...] Ele não só coloca o corpo como um objeto possível da reflexão antropológica e sociológica, como tenta mostrar as dimensões sociais do corpo, de sua construção, e as variedades de representações sociais a ele ligadas. Mesmo que este ainda permaneça, em sua abordagem, como um objeto das representações sociais.

Cada sociedade tem seus próprios costumes, tudo é uma questão de educação e o momento histórico que o fato acontece. A sociedade está em constante evolução, e por mais que cada qual tenha suas próprias características, estas podem estar mudando com a evolução e aperfeiçoamento do conhecimento.

Para Mauss, o corpo aprende e é cada sociedade específica que o ensina. E esse conhecimento, adquirido pelo corpo permite a ele expressar-se de formas diferentes, nas mais diversas sociedades. Assim, cada cultura vai apresentar diferentes corpos, porque o corpo é a expressão da

cultura (Bruhns, 1989).

Atualmente, no entanto, com a ascensão dos meios de comunicação cada vez mais modernos, cinema, televisão, internet, etc., é possível se observar uma mescla de características em algumas sociedades. Assim, Mauss (1974) cita um exemplo nesse sentido, estava ele hospitalizado em Nova Iorque, onde observou o andar das enfermeiras que para ele já era familiar; ao voltar à França, observou que as moças andavam da mesma forma, era a influência do cinema americano que ultrapassara as fronteiras.

Retomando um pouco, em relação às técnicas corporais, para Mauss elas são as divisões de atos tradicionais do homem. As técnicas corporais seriam "as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos" (Mauss, 1974, p. 211). Ou seja, como esses homens participam das representações coletivas, usando seus corpos como instrumento dessa participação.

Marcel Mauss (1974), fala do homem e de seu corpo através das técnicas corporais, que são divididas por ele por sexo, por idade e em relação ao rendimento.

São visíveis as diferenças físicas que existem entre homens e mulheres, diferenças estas hoje estudadas pelas ciências da saúde, mostrando que existe de fato desigualdade no que diz respeito à fisiologia dos dois sexos, talvez a diferença mais aparente seja as dosagens hormonais que podem estar implicando nas atitudes e comportamentos desiguais entre os sexos. No entanto, somente a diferença fisiológica não pode explicar certas situações, o exemplo usado por Mauss (1974), é o de cerrar o punho para dar um soco, a mulher normalmente cerra com o polegar para dentro, enquanto o homem o faz com o polegar para fora, mesmo que esses indivíduos fossem educados para fazer um como o outro, seria difícil. Assim, dá para se dizer, que existe uma sociedade de homens e uma sociedade de mulheres. As diferenças não são apenas fisiológicas, mas também psicológicas e sociais.

Em relação à idade, há movimentos que com o decorrer dos anos vão se tornando mais difíceis, por questões físicas, contudo há reflexões que devem ser feitas. Existem movimentos que se não treinados ou não preservados da infância, tornam-se inativos, não por uma incapacidade física, mas por falta de treinamento, podendo trazer até mesmo desvantagens futuras para esse indivíduo, que não preservou ou aperfeiçoou certos movimentos, e que podem fazer falta ou a diferença para a habilidade em certas atividades.

Quanto ao rendimento, este é válido para ambos os sexos, de todas as idades, é a capacidade de adaptação, habilidade, destreza em algo. O indivíduo que possui estas qualidades é dotado de um diferencial diante

daqueles que não as possui. Entretanto, existem formas para se adquirir ou aperfeiçoar movimentos que não desenvolvemos com muita destreza, trata-se do treinamento, da educação física.

Nesse momento, é importante relatar um pouco dos escritos de Robert Hertz (1980), sobre a preeminência da mão direita e a polaridade religiosa, que tem relação com a questão do rendimento, das habilidades. Robert Hertz é alemão, portanto não pertence à Antropologia Francesa, contudo é interlocutor de Mauss, e no estudo da preeminência da mão direita estuda justamente a relação entre as manifestações corporais e as representações coletivas.

Segundo o autor, a existência da assimetria orgânica é clara, especialmente quando se fala de mão direita/mão esquerda, ou destro/sinistro. Há algumas explicações fisiológicas para este fato que são as mais aceitas até os dias atuais. A "maior habilidade" da mão direita, se daria devido à conexão com o lado esquerdo do cérebro, lado este onde se desenvolvem todas as habilidades racionais do indivíduo. Como é explicado pela anatomia e fisiologia, existe uma correspondência contralateral do cérebro em relação ao corpo, ou seja, o lado esquerdo do cérebro comanda o lado direito do corpo e vice-versa, essa teoria, vale para todas as partes do corpo e não somente para as mãos. Vale salientar que o sinistro não tem as conexões inversas no cérebro, ou seja, não é porque sua mão predominante é a esquerda que seu lado cerebral direito apresentará as funções racionais. A partir desse fato é que se vê a necessidade de outros argumentos para a explicação da preeminência da mão direita, sabendo-se também que atualmente já se sabe que a mão esquerda pode ser tão hábil quanto à mão direita, mesmo nos destros, se for treinada, no entanto, para isso.

Ainda, segundo o referido autor, há muitas questões a serem analisadas. A questão social da educação é uma das questões mais relevantes no que diz respeito à lateralidade, acredita-se que possa existir uma preferência instintiva por uma das mãos. Contudo, sabe-se que a educação e a sociedade influenciam decisivamente na vida das pessoas. Há tempos atrás, um indivíduo sinistro, o próprio termo já sugere negatividade, era discriminado na sociedade. Quando a criança mostrava uma habilidade maior na mão esquerda, logo se tratava de inativá-la, a fim de proporcionar o desenvolvimento da mão direita.

Existem, conforme citado por Robert Hertz (1980), indivíduos destros, sinistros (que são aqueles resistentes a qualquer influência) e os ambidestros. Existem três tipos de ambidestros, aquele ambidestro com uma leve tendência ao uso do lado direito, o ambidestro que era sinistro, mas desenvolveu o lado direito e agora utiliza as duas mãos, isto é visto positivamente, e o ambidestro neutro, com capacidade inata tanto na mão di-

reita quanto na esquerda.

O dualismo, como já mencionado no início do texto, era a essência do pensamento primitivo. As teorias Yin e Yang da civilização oriental há cerca de 3000 anos a.C., já referiam a existência de aspectos antagônicos, no entanto, complementares, mais tarde designados como os dualismos. Para o positivo, o negativo, para o frio, o calor, para o dia, a noite, e assim para tudo no universo. Sempre um lado supondo o bom, o positivo e o outro o contrário (Yamamoto, 1998).

Assim, a conotação imposta pela sociedade, positiva para a mão direita e negativa para a mão esquerda existe para quase tudo. Aliás, quando se menciona a palavra esquerdo, esta vem carregada de um sentido de negatividade, contradição, radicalismo, e é fácil dar exemplos a isso, partidos políticos de esquerda são considerados radicais, da oposição, a religião é considerada o direito, enquanto o profano o esquerdo, e assim, para as mais variadas menções que se possa fazer.

Resumidamente, em relação ao dualismo mão direita/mão esquerda, dá para se concluir que há várias influências para o fato, as causas orgânicas, congênitas e hereditárias, já que o número de destros é significativamente maior que o de sinistros, e os fatores externos, como os sociais e o fator instintivo onde, a pessoa nasce com uma capacidade inata em uma das mãos. Segundo Robert Hertz (1980, p.122-123):

A diferenciação obrigatória entre os lados do corpo é um caso particular e uma consequência do dualismo inerente ao pensamento primitivo [...] se apóia em idéias fora de moda sobre concepções naturalistas [...] As leves vantagens físicas possuídas pela mão direita são apenas a ocasião de uma diferenciação qualitativa da qual a causa está além do indivíduo, na constituição da consciência coletiva.

Segundo Maluf (2002, p. 89), Hertz em seu pensamento era mais rígido que Mauss, no entanto, ambos tinham preocupações semelhantes. O corpo, mesmo visto como um objeto mais natural é moldado e criado pela vida social, sendo suas atitudes corporais um reflexo das representações sociais. Sobre as técnicas corporais, “Mauss conclui discutindo a forte *causa sociológica* para esses atos comandados pelo social e cujas técnicas teriam como objetivo o controle do corpo”.

Enfim, embora haja diferenças nas mais diversas sociedades, somos condicionados por conta da educação que recebemos a fazer aquilo que deve ser feito conforme a sociedade que vivemos. Existem as invenções, as capacidades individuais, no entanto, de uma maneira geral o indivíduo acaba fazendo o que a sociedade lhe impõe. Sendo assim, somos seres sociais, o nosso corpo entre outras características é social.

Partindo dessa relação homem-corpo-sociedade, surgem muitas discussões a respeito. Norbert Elias (1994), numa visão antropológica mais contemporânea aborda essa relação. O indivíduo pode ser observado, analisado, estudado, a sociedade, no entanto, não. Tudo o que é referido à sociedade parte da observação dos indivíduos, singulares, portanto a fidedignidade dessa observação é muito maior para o individual do que para o coletivo, para a sociedade. O que existe de fato é uma autoconsciência de nós mesmos e dos outros em todas as épocas. A imagem que é feita de tudo é produto do que é formulado na consciência, e está relacionada com a capacidade de lidar eficazmente com as pessoas nas mais diversas situações. Quando esta estrutura é questionada, a segurança dos indivíduos fica ameaçada. Não se pode ter certeza absoluta de nada, pois tudo que é ensinado é baseado nas percepções sensoriais, a certeza é ilusória. Descartes, por muito tempo viveu com essas incertezas, até o momento que descobriu um fato, não poderia duvidar da própria existência, afinal quem é capaz de pensar e duvidar de algo, existe. É a partir desse pensamento que surge a frase atribuída a Descartes: "Penso, logo existo".

A religião, sempre procurou dar às pessoas a certeza que procuravam, relacionando todos os fenômenos a Deus, a criação divina. Após as incertezas de Descartes, a religião continuou propagando suas concepções, no entanto, o lugar que a palavra da Igreja ocupava na vida das pessoas já era menor.

Nos séculos XV, XVI e XVII, a Europa vivia num período generalizado de individualização. O pensamento de Descartes induz à conscientização, mostrando que os indivíduos eram capazes de observar, pensar e decifrar os fenômenos naturais, sem apelar para o divino. Surge a racionalidade moderna. É claro que esse processo não foi imediato, foi lentamente implantado a partir do Renascimento. O sintoma dessa mudança foi o surgimento das ciências sociais e humanas, que juntamente com as ciências naturais que já existiam formam na atualidade a força estimulante da sociedade. Progressivamente, houve um aperfeiçoamento também dos níveis de observação, um mesmo fenômeno ou fato podia ser observado de várias maneiras, dessa forma, aprofundando-se no conhecimento do que era estudado. A cerca do que já foi comentado a respeito da evolução da consciência, sabe-se que esta passou a ser estudada e modificada na época de Descartes. As principais dificuldades encontradas nesse processo de consciência e observação foram o fato do indivíduo observador conseguir perceber-se nesse contexto, a observação dos outros era mais fácil, dificultava no momento de colocar-se juntamente no contexto observado (Elias, 1994).

Mais uma vez o dualismo, agora relacionado ao homem observa-

dor/observado. Muitas dúvidas surgiam entre os filósofos da época. Como poderia o homem ver-se internamente? E como poderia ter certeza de que o que estava vendo do lado externo através dos órgãos sensoriais era realmente fidedigno e visto da mesma forma por todas as pessoas? Norbert Elias (1994, p. 93), comenta sobre o pensamento dos filósofos da época:

Os conceitos e idéias dessa ordem, argumentaram eles, não poderiam ser marcas impressas em nós por objetos materiais que nos seja externos. Eles faziam parte do equipamento natural de nossa razão ou de nossa alma. Alguns expoentes dessa linha de argumentação depuseram maior ênfase na origem divina dessas idéias, enquanto outros as consideraram uma parte inata da natureza humana.

O grande problema era:

Será que os sinais que o indivíduo recebe através dos sentidos são inter-relacionados e processados por uma espécie de mecanismo inato, chamado “inteligência” ou “razão”, de acordo com leis mentais comuns a todas as pessoas, eternas e preexistentes à experiência, ou será que as idéias formadas pelo indivíduo com base nesses sinais simplesmente refletem as coisas e as pessoas tais como são, independentemente de suas idéias? (Elias, 1994, p. 94).

Novamente os dualismos. No que diz respeito às questões acima, na verdade não se chegou a uma resposta. As idéias dos pensadores variavam, no entanto, permaneciam situadas entre esses dois extremos.

Muitas dúvidas perduram até hoje, e provavelmente não se terão todas as respostas. Norbert Elias (1994), cita um exemplo muito interessante, que retrata a sensação que nós homens temos diante das dúvidas sem aparente solução. Relata o exemplo das “Estátuas Pensantes”, solitárias, mesmo sabendo que outras estátuas existem, diante de um largo rio ou a beira de uma montanha elevada, as estátuas eram dotadas de pensamento e órgãos sensoriais, no entanto, imóveis. As estátuas refletem sobre o que acontecia do outro lado e sobre suas idéias. Será que o que pensamos é realmente o que acontece? Algumas acham que sim, outras, contudo, acham que muito do que pensamos é influenciado pelo seu próprio entendimento sobre as coisas. No final, conclui-se que é impossível saber o que está acontecendo de fato no outro lado e cada estátua forma sua própria opinião. Há um mundo sempre separado delas. Nada vai mudar, a estátua pensa, enxerga, mas é imóvel. É assim, que muitos de nós nos sentimos, dotados de inteligência, mas de mãos amarradas diante dos fatos e das incertezas.

Assim, diante de tudo que já foi comentado, o pensamento antropológico vê o corpo como uma entidade cultural, no qual a sociedade e a cultura estão se expressando. O corpo seria então, enquanto objeto da antropologia, o constituinte da própria cultura.

O Corpo na Visão da Fenomenologia

A fenomenologia aparece como método filosófico e também como movimento, embora o sentido de movimento seja muito mais abrangente que método (Moreira, 2002).

Surge com o intuito da superação às dicotomias, corpo/alma, sujeito/objeto, é o método filosófico que estuda o existencialismo.

O existencialismo é um termo bastante abrangente. Como dizia Sartre, um dos filósofos precursores da fenomenologia: “Minha filosofia é uma filosofia da existência: o existencialismo, não sei o que é.” (Russ, 1994 apud Huisman, 1997, p. 7).

Hoje, no entanto, o termo é bastante usado e não há mais tanta dificuldades em designá-lo. Assim, para Huisman (1997, p. 9), o existencialismo caracteriza-se por uma filosofia não sistemática que aborda o concreto, o singular, o vivido em relação aos conceitos vagos. O existencialismo vai sobrepor a existência sobre a essência. O existencialismo “é muito mais que uma *atitude filosófica* adotada por certos pensadores num momento histórico particular, que visavam a realidade concreta mais do que uma verdade teorética”.

Vários conceitos surgem para a fenomenologia, no entanto, nada melhor do que defini-la com o pensamento de Maurice Merleau-Ponty, filósofo francês, um dos grandes nomes desse movimento.

Assim, na resposta à pergunta *O que é fenomenologia?* Merleau-Ponty (1999 apud Moreira, 2002, p. 69) coloca que:

A Fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a Fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e mundo de outra maneira senão a partir da *facticidade*. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para qual o mundo já está sempre *ali*, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma *ciência exata*, ma

é também um relato do espaço, do tempo, do mundo *vividos*. É a tentativa de uma descrição direta da nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possa fornecer [...].

Merleau-Ponty em toda a sua obra dá uma grande contribuição para a discussão fenomenológica sobre o corpo.

Seu pensamento se volta à compreensão da existência humana, e nesse aspecto entra o estudo do corpo. Merleau-Ponty, através da fenomenologia critica o pensamento platônico-cristão, procurando superar a dicotomia corpo-consciência.

Para Silva (1994, p. 16) a superação do dualismo corpo-consciência, sujeito-objeto é uma constante na obra de Merleau-Ponty. Este afirma a existência do “corpo-sujeito”, que está voltado para o mundo no sentido da percepção. A solução para a superação da dicotomia mencionada acima, segundo Merleau-Ponty, parece ser possível através do “fenômeno da fala” e do “ato preciso de significação”. “A linguagem do corpo dará sentido ao mundo numa relação intencional e originária”. Merleau-Ponty reconhece o corpo dotado de expressão, formando uma unidade que necessita ser vivida para conhecer o seu sentido.

Para Merleau-Ponty, o homem é ambíguo, nele se encontra o mundo do corpo e o mundo do espírito, sendo ao mesmo tempo, interior e exterior, sujeito e objeto, corpo e espírito, num movimento que é a própria vida. “O corpo é o lugar onde a transcendência do sujeito articula-se com o mundo” (Gonçalves, 2002, p. 66).

Em toda a obra de Merleau-Ponty, ele fala em corpo próprio ou vivido, que é para ele o corpo que possui uma intencionalidade, onde os sentidos se intercomunicam através da percepção.

Frente a isso, é importante levantar, “a percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles” (Merleau-Ponty, 1994, p. 6).

Assim, ao discutir a percepção Merleau-Ponty (1994, p. 9) coloca que:

Até hoje, o *Cogito* desvalorizava a percepção de um outro, ele me ensinava que o Eu só é acessível a si mesmo, já que ele *me* definia pelo pensamento que tenho de mim mesmo e que sou evidentemente o único a ter, pelo menos nesse sentido último. Para que outro não seja uma palavra vã, é preciso que minha existência nunca se reduza à consciência que tenho de existir, que ela envolva também

a consciência que dele se possa ter e, portanto, minha encarnação em uma natureza e pelo menos a possibilidade de uma situação histórica. [...] Porque estamos no mundo, estamos *condenados ao sentido*, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história.

No estudo que Merleau-Ponty faz do corpo, ela aborda muito as questões da linguagem, como já mencionado anteriormente, mais especificamente em relação à linguagem do corpo, considerando-na como um prolongamento da intencionalidade corpórea.

A linguagem, como gesto corporal, está impregnada no corpo. Na palavra, uma idéia nunca é dada em sua transparência, permanecendo um sentido imanente que a transborda, que transcende o pensamento, do qual ela não é um mero instrumento. "A significação anima a palavra, como o mundo anima meu corpo, graças a uma surda presença que desperta minhas intenções, sem desdobrar-se diante delas" (Merleau-Ponty, 1980 apud Gonçalves, 2002, p. 69).

Para o autor, o corpo é o meio onde a expressão se realiza na sua referência ao mundo vivido, não se limitando apenas a língua formalmente instituída.

Portanto, não se deve dizer que nosso corpo está no espaço nem tampouco que ele está no tempo. Ele habita o espaço e o tempo. [...] Uma mulher mantém sem cálculo um intervalo de segurança entre a pluma de seu chapéu e os objetos que poderiam estragá-la, ela sente onde está a pluma assim como nós sentimos onde está nossa mão. [...] O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos. [...] Diz-se que o corpo compreendeu e o hábito está adquirindo quando ele se deixou penetrar por uma significação nova, quando assimilou a si um novo núcleo significativo (Merleau-Ponty, 1994, p. 193-203).

O corpo, como corpo próprio, corpo vivido, com sua intencionalidade engloba todos os sentidos, formando a unidade. As diferentes partes do meu corpo sempre estão conectadas umas às outras, os movimentos envolvem-se uns aos outros para finalizar com o resultado daquilo que quero desempenhar.

Segundo Polak (1997), o homem se faz presente no mundo através do seu corpo, não somente numa existência física e biológica, como costum-

mamos pensar, mas enquanto dimensão construtiva e expressiva do ser do homem.

A unidade do corpo só poderá ser devidamente compreendida quando for superada a dicotomia corpo-consciência, sujeito-objeto, aceitando, no entanto, que o corpo não é objeto. Assim, Merleau-Ponty (1971, p. 137-138) comenta que o corpo:

[...] reúne um feixe de *consciência* aderente a minhas mãos, a meus olhos, por meio de uma operação que lhes é lateral, transversal, admitindo que *minha consciência*, não é a unidade sintética, incrimada, centrífuga, de uma multidão de *consciência de...*, também centrífugas, mas que é sustentada, submetida pela unidade pré-reflexiva e pré-objetiva do corpo.

Assim, para finalizar o pensamento de Maurice Merleau-Ponty em relação ao corpo é importante fazer algumas considerações. Para ele, o corpo sente, e o ato de sentir é anterior ao pensamento; o corpo, as sensações e percepções constituem uma unidade inseparável. O corpo se expressa, mesmo quando tem a intenção de não transmitir ou transparecer algo. Expressão esta que é de uma forma total, biológica, psicológica e social. Trabalha no sentido da ruptura das dualidades, afirmando que o corpo é um corpo próprio, vivido.

Para Merleau-Ponty, a única maneira de conhecer de fato o próprio corpo ou o corpo do outro é vivendo-o. É possível ter consciência do corpo através do mundo, e consciência do mundo através do corpo. Sendo assim, somos nosso próprio corpo, ele é o esboço provisório de meu ser total.

Considerações Finais

Na busca de um maior entendimento sobre o corpo, como corporeidade, é que a antropologia e a fenomenologia, de maneiras diferentes fornecem elementos para reflexão e para um maior aprofundamento sobre questões relacionadas.

Na antropologia, diferente das ciências da saúde, o corpo é visto não somente como biológico e psicológico, mas também como um corpo social e cultural. A sociedade condiciona o ser humano a fazer aquilo que ela preconiza como o correto. Embora existam as particularidades, a individualidade de cada ser humano, o homem acaba de um modo geral fazendo aquilo que a sociedade lhe impõe. Assim, o corpo, entre outras características pode ser considerado um instrumento social.

Para a fenomenologia, especialmente retratada pelo pensamento de

Merleau-Ponty, o chamado corpo próprio é dotado de intencionalidade, um ser doador e instaurador do sentido, formando a unidade através da junção das partes que compõem o corpo, tendo com o produto final, o corpo total.

Assim, o corpo deve ser entendido como corporeidade, superando o dualismo psico-físico, visualizado como maior do que sua materialidade, ou seja, é o somatório de suas partes. Na área da saúde, embora seja de conhecimento de todos a importância de se ver o indivíduo na sua totalidade, a academia pouco preconiza essa visão. Dessa forma, com um resgate na antropologia e na fenomenologia, é possível ter um universo mais amplo em relação ao corpo. Embora o significado de corpo seja diferente para os dois casos, é de consenso que o corpo deva ser abordado como um corpo total, corpo social, corpo próprio.

“O todo sem a parte, não é todo; a parte sem o todo
não é parte; mT parte faz o todo,
sendo parte, não se diga que é
parte, sendo o todo”
Gregório de Matos

Abstract

There are just a few papers that talk about the life in relations to the body manifestation, we consider that this study is very important for all the professionals that deal with “bodies” in their job universe, helping them to understand better how the body works. On this way, the purpose of this study is to make a historical research about the body conceptions, boarding later the anthropology and phenomenology vision. To the anthropology, different from the health science, the body isn't seen only as a biological and psychological instrument, but as a social and cultural body. To the phenomenology, specially shown by the thought of Maurice Merleau-Ponty, the “own body” is seen as a unity, having as a final product, the “total body”. Although the body mean two different things in both cases, it is true that it should be studied as a total, social and own body.

Key-words: body, anthropology, phenomenology.

Referências Bibliográficas

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.
BRUHNS, Heloisa T. (org.). *Conversando sobre o corpo*. 3. ed. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

- ELIAS, Norbert. As estátuas pensantes. In: _____. *A sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 80-101.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- HERTZ, Robert. *A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n.6, p. 99-125, 1980.
- HUISMAN, Denis. História do existencialismo. Tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1997.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. 8 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- MALUF, Sônia Weidner. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. *Dossiê, corpo e história: esboços* – revista do programa de pós-graduação em história da UFSC/2001, Chapecó, p. 87-100, 2002.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. 2 v.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. *O visível e o invisível*. Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.
- PINTO, Alexandre C. C. S. *Orientação de um programa de exercícios laborais em operadores de caixa de banco*. Florianópolis, 1997. Monografia (Especialização em Fisiologia do Exercício) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado de Santa Catarina.
- POLAK, Ymiracy N. de Souza. *O corpo como mediador da relação homem/mundo*. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 29-43, set./dez. 1997.
- SILVA, Ursula Rosa da. *A linguagem muda e o pensamento falante: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau-Ponty*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- YAMAMOTO, Celso. *Pulsologia: arte e ciência do diagnóstico na medicina oriental*. São Paulo: Groud, 1998.

Notas

1 Fisioterapeuta, Mestranda em Letras – Linguagem e Sociedade – Unioeste, Docente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Endereço: Rua Souza Naves, 4081, apt. 62, Centro – Cascavel – PR CEP 85810-070 Fone: (45) 2220900, 99742687; E-mail:

karencomparin@bol.com.br

2 Enfermeiro, Doutor em Enfermagem – USP, Docente do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Endereço: Rua Universitária, 1619, Pró-Reitoria de Graduação, Jardim Universitário – Cascavel – PR CEP 85814-110 Fone: (45) 2203071

3 Especificamente, em relação à Evolução Histórica das Concepções sobre o Corpo vou me reportar às autoras, que fazem uma retrospectiva histórica bastante interessante, desde a Antiguidade até a Idade Contemporânea no que diz respeito ao pensamento sobre o corpo.

Data de recebimento: 23/03/2004

Data de aprovação: 26/05/2004